

**CEDI**

## Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Obtado do Paraná

Class.: 263

Data: 01.12.83

Pg.: \_\_\_\_\_

### Ato público lembra a morte do indígena

DOURADOS, MS — O deputado Mário Juruna e bispo de Goiás Velho, d. Tomás Balduino, participarão sábado, em Dourados, em Mato Grosso do Sul, de um ato público pelo assassinato do líder indígena Marçal de Souza, ocorrido na sexta-feira, na localidade de Campestre, município de Antonio João (MS).

Ao dar esta informação, ontem, o secretário-geral do Cimi, Antonio Brand, espera que "esta manifestação não seja somente uma lembrança, mas sim um alerta contra os massacres que os índios de todo o País passam hoje".

Brand está em Dourados desde o começo da semana acompanhando o desenrolar do caso, investigado pela Polícia Federal de Ponta Porã, e ontem condenou uma nota da Casa Civil do governo do Estado, atribuindo a questões de ciúmes da mulher de Marçal de Souza a causa de sua morte com cinco tiros de revólver.

A nota do governo — disse — "teve o objetivo de confundir a opinião pública, ao que nos parece, pois nenhuma prova foi apresentada que caracterize um crime passional", assinalou Antonio Brand, que considerou "mal intencionada a versão do governador" de Mato Grosso do Sul divulgada na segunda-feira.

Ontem, os familiares de Marçal de Souza contestaram com veemência a informação oficial. Sua filha, Edna de Souza, disse ser "um absurdo" a versão de que o crime tenha sido cometido a mando de Aristidia de Souza, "com quem meu pai sempre viveu bem e feliz", deixando entrever que o assassinato partiu de setores interessados em ocupar uma faixa de terra atualmente explorada por várias famílias de índios no município de Antonio João, situado a 56 quilômetros de Ponta Porã.

Os familiares de Marçal reiteraram as informações de que ele foi procurado recentemente por um emissário destes fazendeiros, que lhe ofereceu Cr\$ 5 milhões para convencer os índios a desocuparem a gleba. Diante da recusa, a oferta foi aumentada para Cr\$ 10 milhões, mas igualmente rejeitada pelo líder indígena da tribo Guarani.

Antonio Brand disse que ficará em Dourados (cidade onde alterna sua permanência com Brasília) até que o inquérito seja concluído "e os culpados (mandantes) e o assassino (João Bugre) presos, pois esta versão da Casa Civil é prematura e superficial".